



**Nova Atena**

*Saber e Bem-Estar*



Desafiando o fio da escrita

Mês de Junho de 2024

Nova Atena



# Desfiando o fio da escrita

<b>ÍNDICE</b>		
<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>PÁGINA</b>
Carlos Baptista	Ontem/Hoje	2
Faustino Vital	Freud, freeeuud, ho ! Freud.....	3
Faustino Vital	Noite de chuva	4
Fernando Baptista	Abril 2024	5
Fernando Baptista	Pode fazer-se um poema de restos	6
Francisco Lourenço	Caminhos da esperança	7
Jerónimo Pamplona	Pode fazer-se um poema de restos de outros poemas	8
Luísa Machado Rodrigues	Jacarandás	9
Maria de Lourdes Santos	Sentir	10
Maria Silveira	É a Nova Atena	11
Mitú Branco	Como posso	12
Regina Ferreira	Quero continuar a pensar em português	13
Faustino Vital	Explicar o Nobel	14



# Desfiando o fio da escrita

## ONTEM

Teus cabelos loiros  
Raios de luz doirada de pôr do sol  
Refletidos no mar azul vivo dos teus olhos  
Olhos onde cabem todas as esperanças  
Olhos que sorriem mais que os lábios  
Que vão assistir a muita luta,  
A muito trabalho, a muito sacrifício,  
A muita vitória e a muita derrota.  
São os teus olhos que mostram  
A tua coragem e a tua determinação  
Para enfrentar as etapas futuras.

## HOJE

Teus cabelos brancos  
Raios prateados de luar de lua cheia  
Refletidos no mar azul cansado dos teus olhos  
Olhos onde cabem todas as memórias  
Olhos enrugados que ainda sorriem,  
Que recordam com saudade  
Tantos trabalhos, tantos sacrifícios,  
Tantas as vitórias e tantas as derrotas.  
Os teus olhos não escondem  
A serenidade e confiança  
Para enfrentar esta última singradura.

**Carlos Baptista**



# Desfiando o fio da escrita

## **FREUD, FREEEUUD, HO ! FREUD.....**

Este Doutor, psiquiatra austríaco, analista e investigador dos sentimentos e dos estados conturbados da mente, neuroses, psicoses e tendências reprimidas no inconsciente desenvolveu a psicanálise. Ninguém põe em causa a valia e o auxílio que as sessões de psicologia e psiquiatria têm para as pessoas que as procuram e que delas necessitam. O que quero salientar é o que me parece ser uma profissão cómoda que há uns anos entrou na moda, muito bem remunerada e que em certos países se chegou ao exagero da sua aplicação. Tinha-se uma neurose, um stress forte ou ligeiro e ia-se de correria para o psiquiatra. Se não, vejamos. Há profissões em que as pessoas têm que se esforçar fisicamente para ganhar o seu sustento, mineiros, trabalhadores do campo, da construção, atletas, e outras mais. Eu sei que tem que haver de tudo e não esqueço também o esforço intelectual que representa tal profissão. Mas, o psiquiatra senta-se comodamente em cadeira acolchoada .... e ouve. Pura e simplesmente ouve, por regra vezes sem conta, repetidamente, regista e guarda o desfiar dos sentimentos que o paciente lhe foi contando, quase sempre com pouca ou nenhuma intervenção da sua parte. Não é uma profissão de desgaste rápido, por isso não vejo forma mais fácil e descansada de ganhar bom dinheiro. Quero com isto dizer que talvez tenha errado na minha profissão, mas, quem podia saber?

Agora, que estamos em fim de época de actividades; temáticas, lúdicas e musicais, exposições de trabalhos, passeios e visitas de estudo, chega o momento de fazer o balanço de tudo o que se conseguiu ao longo do ano, e que é positivo. Afinal não somos idosos, somos jovens, por dentro.

Comparando, nós na Nova Atena, fazemos esse trabalho, antecipado a qualquer transtorno pessoal, só conversando e ouvindo, rindo também. que alegria é saúde e não ganhamos nem um tusto, nem sequer uma tuta- e- meia, é tudo em regime de voluntariado (uma particular menção honrosa e muito merecida para os mais assíduos), somente a alegria de falar e estar com alguém amigo que nos escuta. É grátis e de boa vontade. Recomenda-se uma boa dose todos os dias, antes e depois do almoço.

**Faustino Vital**



# Desfiando o fio da escrita

## Noite de chuva

Esta noite, bem escura

A chuva está batendo

Na minha janela da rua

Goteja e vai escorrendo

E eu penso em ti, só em ti

Agora, neste momento

Estou só, sinto que parti

Não ouves o meu lamento

Tu não te apercebes bem

Tão mal que eu me sinto

É como te amar, e amar


Sem ter o teu amor

Sonhar sem ter dormido

Querer ver-te outra vez

Antes que fique mais sozinho

**Faustino Vital**



# Desfiando o fio da escrita

## Abril

Oh maldição do tempo em que vivemos!... Encheram sepulturas com os filhos de pais que jamais as verão. Nada mais resta de todos vós, tudo perderam, menos o capim que agora cobre tristes lápides. Ficou a dor. A dor cavada no peito de quem vos conheceu e de quem vos amou. E a indiferença de um país que vos traiu, e pediu a vossa generosidade!

Venho desse tempo, de um tempo de silêncio, de um tempo em que as cores eram desbotadas e surdos os gritos e as palavras. De um tempo sem som; ou, melhor, de um tempo em que o som permitido era, apenas, o do bandolim e do acordeão tocados por cegos nas ruas das cidades.

Lembro-me desse tempo, agora, ao ver e ouvir esta mole de gente que se apinha, que ri, gesticula: grupos com diversos ritos, comparados com outros modos de tertúlia e outras paisagens, que rasgaram o silêncio de mausoléu e estilhaçaram a neurostenia. Num romantismo banal imortalizaram no instante de um beijo, no riso de cristal e no dar das mãos e abraços um tempo sombrio, perdido na voragem das horas e dos anos.

Lisboa foi o cais da chegada de Abril, a chegada traz consigo o drama e a tragédia, e a revolta de soldados estropiados ansiando o final do império, para finalmente gritarem LIBERDADE!

Nesse dia levantei-me em sobressalto. Não vás para Lisboa, estão a pedir para que se fique em casa. (?) Ouvi mais notícias. Escuta, disse, chegou o dia, tenho de ir, não vou perder nada. No banho rápido o vestir apressado sem gravata nem casaco, entrar no comboio e quase correr com outas centenas da viagem, em direcção à rua do arsenal com destino ao rossio.

Na rua do arsenal, observamos sem nos determos, carros de combate do lado do cais do Sodré e blindados na praça do comércio. Ouvimos gritos de um para o outro lado, mas o nosso destino era o rossio e lá os deixamos a tratar das coisas que eram deles.

Antes entrei no banco onde trabalhava. Perto das 9H15 é dada ordem para abrirem 2 caixas e cada um, conforme o necessário, levantar o ordenado e regressar a casa de harmonia com as instruções transmitidas pela rádio.

Depois disso, segui para o rossio onde milhares se acumulavam e assistiam ao passar das viaturas militares para um e outro lado da praça. Lisboa era então uma cidade cheia de inacabáveis forças do seu carácter baptizado nas águas do tejo.

Chegara abril. Aquele abril esperado durante quase 50 anos. O abril da esperança e da queda das desigualdades. O abril da abertura das prisões políticas e dos abraços tardados. Lembro-me das vozes pausadas e austera de operários a conversar; o assunto deveria ser alegre, pois antes taciturnos e de olhar permanente em redor. Lembro-me de quem disse: Quando era urgente calavam-se! Lembro-me de quem se calou. Lembro-me de um cartão escrito em cursivo inglês que me enviaram dizendo: acabaram as reuniões secretas.

**Fernando Baptista**



# Desfiando o fio da escrita

## Pode fazer-se um poema de restos

Esta ideia de fazer um poema de restos de outros poemas, ainda não tinha passado por aqui. Aqui, é onde, porventura, se aloja a minha imaginação.

Logo Camões parece deixar bem claro: - “E vós outros, que os nomes usurpais”; temi continuar esta caminhada sobre restos. Manuel António Pina diz: “ninguém me roubará algumas coisas” e continua, “nem acerca de elas saberei transigir”.

Saramago entra de rompante: “Vem de quê o poema? De quanto serve? Avançar um pé não é fazer jornada”. Não se importa com usurpações pois interroga de onde vem o poema. Acho que se referia à liberdade, pois logo afirma: “poeta não é gente, é bicho coiso, que da jaula ou gaiola vadiou”.

Um anónimo que passava, questionou o porquê da minha inquietação. Um poema de restos? Olhe, amigo: “A harmonia de vida é como rosa graciosa e suave, em seu olhar, um universo a desvendar”. E seguiu caminho. Ora esta! De um lado a guarda do eu, de outro o eu em liberdade e agora um universo a desvendar?

Perguntei a Henrique Rego, poeta popular sobre o mote: “Foi numa pálida manhã de outono, que dei largas ao meu louco pensamento”, Marzia Cabano que passava logo respondeu: “Outono bateu? O que isso trouxe? Uma cesta de maçãs, uma colher de mel?”. Nazim Hikmet entrou na conversa: “Ver as folhas caindo me rasga por dentro, especialmente se forem castanhas-da-índia”.

Ora esta! Juntar assim poetas e lembrar a afirmação: “Um poeta é um mentiroso” não tem sido tarefa fácil. António Kleber no seu passeio matinal, convidou-me para um café. Encabulado, contei-lhe o que se passava. Acendeu um cigarro e disse-me: “guardo um terno beijo, na memória. No outono cinza, a despedida, último adeus”.

Fugi para Santarém, minha terra natal, e pensei: Para fazer poesia de restos, há que saber escolher. Bernardo Santareno estava então na loja de seu pai, também ele fazendo festas à centena de gatos que por ali vivia, quando soube sorriu, e lembrando-se do mar murmurou: “Para dizer sim, desenhava com as mãos uma rosa; falando de dor, mimava o pássaro morto; quando a saudade o possuía, todo ele era um mastro com roxas velas rasgadas; era um pescador? Sim com certeza.”, e rematou: A poesia popular responde à tua inquietação. Escuta:

A sombra deu lugar à claridade,  
a música irrompe no salão,  
a vida ganhou nova dimensão  
quem diz que não há felicidade?

Quando acordei eram quase 11 horas. Desejei que todas as noites trouxessem sonhos como este.




# Desfiando o fio da escrita

## **Caminhos da esperança!**

Os Poderosos sabem bem, as consequências da guerra  
Destroem Cidades inteiras, pela posse de mais terra  
Extremistas radicais, rejeitam o diálogo, a Democracia  
Defendem ditaduras ferozes, querem impor a sua ideologia!  
Porque existem refugiados? Porque migra um cidadão?  
Guerras civis, grandes tragédias, fogem da destruição!  
Uns são inocentes pessoas, outros são da Oposição!  
Deixam tudo para trás, os sonhos viram desilusão!  
Arriscam a vida por terra, quem pode foge pelo ar  
Procuram paz, acolhimento, muitos morrem no mar!  
Os cidadãos assustados, migram ao sabor do vento  
Procuram noutras paragens, porto de abrigo e sustento!  
A Europa não quer migrantes, como mais uma obrigação  
Cada país tem de ajudar, conforme a sua dimensão!  
Os Caminhos da Esperança, também comportam Compaixão!

**Francisco Lourenço**





# Desfiando o fio da escrita

**“Pode fazer-se um poema com restos de outros poemas,  
Basta saber escolher”**

*“Restos dos poemas dos meus poetas favoritos”:*

***Castigo Pró Comboio Malandro – de António Jacinto:***

“Mas espera só  
Quando esse comboio malandro  
Descarrilar  
E os brancos chamar os pretos p`ra empurrar  
Eu vou  
Mas não empurro  
- Nem com chicote –  
Finjo só que faço força  
Aka!

***Namoro – de Viriato da Cruz:***

«Mandei-lhe um cartão:  
Por ti sofre o meu coração.  
Num canto – SIM, no outro canto – NÃO.  
E ela o canto do NÃO dobrou.  
Andei barbado, sujo e descalço.  
Procuraram por mim.  
“NÃO viu...não viu Benjamim?  
Levaram-me ao baile do sô Januário...  
Tocaram uma rumba, dancei com ela  
e num passo maluco voamos na sala.  
E a malta gritou: Aí Benjamim!  
Olhei-a nos olhos – sorriu para mim.  
Pedi-lhe um beijo – e ela disse que sim».

**Jerónimo Pamplona**



# Desfiando o fio da escrita

## Jacarandás

Que nem aves de arribação, belas são as árvores pela cidade fora que em maio anunciam e em junho se despedem da floração sazonal.

Trazem sonhos de encantar, levam recordações de doces amores, de paixões, ecos de desconsoles, de mágoas disfarçadas de alegria, sob os seus quase túneis em flor que enchem as ruas, avenidas e alamedas da Lisboa de que são orgulho.

Lado a lado irmanadas ao longo das vias que as acolhem, deleite da estação primaveril, são árvores depositárias de secretas estórias nelas silenciadas.

Maiο acaba de nascer radioso, fazendo inveja aos velhos verões quentes que as alterações climáticas tornaram instáveis, deixando-nos à deriva quanto à relação entre estação do ano e tempo que fará em cada uma delas. Está um tempo incrível. Caminho pela rua, saboreando o antecipado estio que a natureza nos oferece.

Bem perto, palpita o coração de um par amoroso por ali sentado e que, venho a saber, todos os anos volta ao mesmo banco sob a sombra da ramagem florida onde jurou o amor que perdura e que celebra em comunhão com duas crianças, os seus rebentos, um no chão a brincar com uma bola, outro ao colo, aos inocentes pulos, beijos e abraços que fazem jus à frescura da primeira infância.

Mais afastado, o contraste. Avisto um indivíduo que aparenta uma honrosa idade. De tez alva, mãos delicadas, cabelos brancos, ao contrário daquela feliz família que me encantou, tem um olhar de quem tem a alma desfeita, um coração que quase já não palpita. Ali sozinho e abatido, é espelho da muita solidão sénior que mina a sociedade contemporânea. Para quando a consciência de que todos os cidadãos, mesmo todos, são uma prioridade? Para quando a consciência de que não pode haver esquecidos, de que não se pode continuar a deixar cair gerações de idosos? Aqueles que, se já nada fazem, não deixam de ter sido os fazedores do mundo entregue aos que os esquecem, vivendo inconscientes de que estão a gozar o fruto do labor dos seus antecessores.

Sensibilizada, retomo o olhar sobre a maravilha natural que me cativa. Um sentimento de profunda admiração perante a profusão e colorido do arvoredο que me cerca me invade, apesar de maculado pelo contraste humano que escorre sob a beleza do lilás das flores dos jacarandás!

**Luísa Machado Rodrigues**



# Desafiando o fio da escrita

## Sentir

Estará o tesouro que ainda desconheço na sua total dimensão dentro de mim, na sua pura essência? Vai sendo descoberto ao ritmo do que a vida me vai apresentando.

Os tempos são de constantes surpresas, dança que aparentemente desestabiliza, surpreende e assusta. Novas visões, novos olhares somos convidados a sentir, para a renovação do autêntico “SENTIR”.

Distinguir entre o que vem de dentro e o que vem de fora é o grande desafio.

Criar espaço para a integração da nova consciência! O que já não serve vai caindo e dando lugar ao novo e mais verdadeiro.

O que vem de dentro empodera, dá sentido à vida; o que vem de fora domina pelo medo, pelo desespero, pela manipulação.

Paz no coração será a referência de excelência, sentida, mesmo nos momentos críticos. Sentir essa energia de sossego, serenidade, confiança é um estado gratificante de compreensão e aceitação dos processos de transformação necessários ao crescimento.

A coragem, a disponibilidade ... são necessárias. A doença, entendida e vivida neste contexto torna-se mais leve, sentida com o olhar iluminado e até estranhamente, amplia o contentamento perante as propostas que trazem sofrimento e frustração. E isto não é masoquismo!

É a oportunidade de aceder a uma nova consciência, a um novo SENTIR, uma nova experiência em tudo que ela comporta. O propósito maior da experiência humana é a relação com o Ser, a sua Natureza e Essência.

Esta a minha partilha neste ano - letivo 2023/2024 que agora termina. Contributo de participação neste Projeto de Escrita onde me pautei pela mensagem do que faz parte e dá sentido às minhas experiências pessoais.


A vida apresentou-me um menu aparentemente desagradável e de grande sofrimento físico, no entanto, esta experiência enriqueceu o meu entendimento, expandiu a minha admiração pelos outros, permitiu-me encontrar, nesta busca de soluções, imensa Gente de bom coração, reconhecer o valor do seu trabalho, amor e dedicação a quem sofre. **Há muitos Anjos Humanos na Terra!**

A todos estou imensamente grata. O caminho faz-se caminhando, sem resignações nem apatias, contudo, na tentativa permanente da manutenção da fé e da esperança, SENTINDO os desafios profundamente e o propósito de direcionamento que nos propõem.

Termino a olhar o céu, o que pratico com alguma regularidade e sinto mais uma vez a sua imensidão, onde um bando de aves desfruta a sua liberdade e alegria. É a sua mensagem, de acordo com a sua natureza e essência. Eu sinto paz, muita tranquilidade e gratidão pelo entendimento do que me transmitem.

Sejamos todos muito felizes.

**Maria de Lourdes Santos**



# Desfiando o fio da escrita

## É Nova Atena!

Clareou a aurora, os campos floresceram  
Trinaram os pássaros, rejubilou a primavera,  
De energia cheia  
A ideia despontava, tornada realidade  
A Nova Atena nascia...  
Na liderança, duas afoitas mulheres  
Com fé e esperança, empreendedoras, lutadoras,  
Formiguinhas, por nove dezenas de criaturas acompanhadas,  
Incansáveis obreiras persistentes, resilientes  
A obra fizeram vingar.  
Voluntariado em ação, cresceu, cresceu  
Um ano mais acumula, é hoje aniversariante  
De vivências repleta, destemida, perseverante  
Às intempéries e adversidades alheia  
Na promoção do bem-estar e saber progride  
Lúdica, solidária, académica, artística, literária,  
Exemplo de união e afetos, é nosso orgulho  
Abraça-nos segura e serena  
É Nova Atena!

**Maria Silveira**



# Desfiando o fio da escrita

## Como posso

Aquela guerra não é a minha  
Aquele mar de dor não é o meu  
Mas como posso eu esconder nos sonhos  
De um Morfeu condescendente  
que aqueles rostos poderiam ser o teu e o meu  
Que aqueles olhos apavorados de uma criança  
já sem lágrimas para chorar  
poderiam ser um filho nosso  
Que aquela criança  
já não tem um colo de uma mãe  
ao qual já chamou de seu  
Como posso esquecer  
Que aqueles trapos que envolvem homens e mulheres  
escondem ventres vazios com fome  
Que os buracos que surgem à sua volta  
guardam fogo que os veio para matar  
Como posso  
Justificar que há um Deus que procura dar um lar  
Um pedaço de terra a uns e a outros vai aniquilar  
Como posso  
Como posso  
Não posso

**Mitú Branco**



# Desfiando o fio da escrita

## **Quero continuar a pensar em português!**

Quero continuar a pensar em português!

... Foi necessário assinar papéis: vou trabalhar para fora da minha Pátria. Por conta de outrem!

Construí uma vida económica e social boa, levantada com critérios de escolha, depois de um curso feito numa universidade portuguesa considerada entre as melhores do ranking nacional.

Tinha mais de uma dezena de pessoas a trabalhar comigo, vestiam com gosto a mesma camisola.

A camisola da empresa. Chegar ao fim do dia carregados de trabalho árduo e satisfação por fazê-lo bem, era o nosso lema. Até um dia!

Devagar, sentindo rumores, fui ficando na expectativa de ter quem se apresentasse para começar o dia e não houvesse trabalho para concretizar ganhos e poder repartir lucros.

Devagar, sentindo rumores, fui engolido pela voracidade de um lobo cinzento que atacava todos os dias. Havia sol, havia dia, não havia trabalho. Havia matéria-prima, faltavam os consumidores.

Até que já só havia dia.

Hoje tenho estatuto de expatriado para que possa pagar dívidas. Recomecei como se tivesse nascido naquele momento em que, pelos meus olhos e o meu apetite, passou o desejo de cumprir o desígnio de uma vida: ser feliz! O país onde me encontro ainda conserva muitos vestígios da minha cultura. Até a gastronomia é uma mescla de culturas assimiladas pelo povo que tão bem me recebe. Aqui estou feliz. Porque tenho trabalho e ganho o sustento da família.

Porque continuo a poder comer uma caldeirada de bom peixe e bom marisco. Ou um bom bife com batatas fritas. Porque nos dias mais quentes posso comer um saboroso gaspacho à alentejana! Iguarias produzidas por outros emigrantes que como eu procuraram horizontes mais largos. E onde encontraram razões para voltar a sonhar.

Aqui estou feliz, posso sentir o pulsar de um povo que não rejeita oferecer a sua terra a quem procura desafiar o cinzento lobo que um dia me enfrentou.

Aqui estou feliz, mas não quero esquecer a minha terra. Quero fazer pontes de amor com os meus. Quero continuar a pensar em português. Em liberdade.

**Maria Regina**



# Desfiando o fio da escrita

## Leitura para férias

Estão passados 25 anos sobre a atribuição do Prémio Nobel a José Saramago

----- / -----

Nota 1 – Esta é uma escrita de ficção sobre os momentos, dias, semanas e anos após o escritor José Saramago ser galardoado em Estocolmo, na Suécia.

Nota 2 – Tem a sua descrição por base na sua obra mais conhecida “O Memorial do Convento”. Assim sendo, quem não a leu não se vai identificar ou ter uma ideia precisa da sua interpretação, pois são usados nomes e figuras descritas na dita publicação.

## EXPLICAR O NOBEL

“Como é que isto me aconteceu a mim?”

Foi desta maneira que José Saramago se expressou quando lhe deram a notícia em Frankfurt.

Será que é possível explicar em tempo corrente, pois o tempo movimenta-se como o vento constante, cortado pelas asas das aves que povoam os céus azuis e modulado pelas folhas das árvores em seus altos pedestais de troncos maciços, quando trovoada ainda não fez a sua aparição ou não se insinua e o sol brilha em sua plenitude sobre esta terra que Deus fez em dias certos, sete ao todo, nem mais nem menos um minuto, trabalho bem feito como se vê, árduo, talvez cansativo para alguma outra entidade criadora e desconhecida mas não para Ele que tudo faz, tudo sabe e tudo governa, vegetais, minerais e animais, que todos somos mas uns humanos e também as suas almas, as destes que cá foram plantados neste mundo, que se diz serem à sua imagem, intrigante, que um é espírito e outros são carne muitas das vezes bem fraca, como se sabe ao longo dos tempos, pois o sabemos de sobejo por descrições e relatos de uns tantos que a viveram e outros que as viram e outros ainda que ouviram alguns contarem e que a seu gosto foram acrescentando, para que o relato ficasse mais agradável e saboroso aos ouvidos de quem ouve e, logo passa a outro para nova revelação quase resvalando para fantasia, assim se vão juntando histórias da vida que já vai sendo grande volume, não caberia em

biblioteca singela ou mesmo grande e por vezes se deixa só pelos contos contados, soprados por boca à orelha alheia e que este reconta aos seus descendentes passando assim a meada, anexando fio em fio, história em história, ajuntando toda a atribulada vida humana que uns a vivem melhor que outros, se a sorte se reparte não por igual mas ao acaso, se por acaso este haverá. E estes que Ele criou, na altura bem poucos eram, contando que cada dia passado serão sempre mais, por muitas doenças e pestes que já aconteceram e outras que ainda hão-de vir, são estes homens e mulheres de carne e osso a quem deu aos primeiros nomes de Adão e Eva. Sem escolha possível assim ficou, que nome a recém nascido não é o próprio que o escolhe mas sim os padrinhos, os que fazem as vezes de pais, por vezes alguns bem esquisitos, os nomes e os que de pais se arrogam e nem sempre os nomes fazem jus à pessoa que os recebe, pois se for de lembrança dos mesmos dar às meninas o nome de Rosinha, Hortense, Florbela, Rosalinda ou Brancaflor, mais tarde pode vir a constatar-se que as mesmas poderão ser autênticos camafeus, feias não por culpa própria mas porque a natureza nem sempre é pródiga em tudo o que cria, o que não condiz a bolota com a perdigota e, o que um dia parece certo no seguinte estará errado, é a vida assim que de coisa certa pouco tem. Assim, melhor seria todas se chamarem Maria, nome simples e bonito, também de virgem e, mais tarde escolherem por si o nome que mais lhes agradasse. Vem isto a propósito do nome que deram a José Saramago. Quanto a José nada há a dizer, pois existem muitos nesta terra e para além dela com outra grafia e sons, mas ao apelido Sara, se ao nome o virmos pela metade ele não era de certeza, pois nunca o vimos de saias, nada de blusas ou brincos em orelha murcha, não tinha ares de mulher e aí está com certeza a Pilar para confirmar tudo isso com certificado e bem autenticado se tal for necessário, assim creio que o mais justo seria de o chamar de Serámago, pois das letras ele mago foi, que as cosia todas de caminho fazendo palavras e histórias que deram livros, somados um a outro foram dando mais, pois ideias não faltam a quem as tem para contar e colocar em papel, e assim se foi fazendo escritor, compondo obra vasta e diferente dos demais, intrincada, por vezes retorcida, repetitiva para os leitores menos atentos, com avanços e recuos na descrição, indo à frente e voltando atrás, parecendo ondas do mar que vão e vêm com as marés e se desfazem depois em fim de capítulo, e a obra foi ficando mais extensa e do agrado de muitos e diversos que a voz dos mais entusiastas foi chegando ao estrangeiro que já as tinha por edição e foi-se falando de prémio grande, ele emparelhado com outros grandes, também de outras artes e ciências e, sendo escolhido na matéria do seu saber chegou a carta dizendo, o que ainda não tinha sido de nenhum português na literatura agora seria dele. Ficaram contentes com a notícia os leitores assíduos e fiéis, o governo rejubilou porque a nação ia ser reconhecida e o Presidente disse que a pátria voltava a ter ditosos filhos. Embaraçado o José que não era homem que gostasse de estar nas notícia em capas de jornais e revistas lembrou não ter sido já o primeiro Nobel pois já houvera outro de seu mister médico e cientista que dava pelo nome de Egas Moniz, que não se deve confundir com o outro o Aio, que andou com corda ao pescoço e arrastou



todas a família até às terras de Castela, peregrinação lenta e custosa em que se gastaram muitas solas de sandálias e alpercatas e no fim para nada, pois tudo não passou de mentira ou brincadeira e, outro ainda mas só com mesmo apelido, este sim Martim Moniz, cavaleiro apeado que segundo lavra a nossa história de verdade ou pura lenda para ler na escola, foi considerado herói na conquista do castelo de Lisboa aos mouros atravessando-se na porta entreaberta do mesmo, ficando até hoje por saber se tropeçou e caiu para a frente impedindo que a mesma se fechasse, permitindo assim que os outros soldados assaltantes com ingleses à mistura, que tinham nas túnicas brancas cruz à frente e outra nas costas, como se uma só não bastasse para os identificar, estes que estavam a caminho da Terra Santa não tendo mais que fazer em suas ilhas, arruaceiros e brutos como convém a conquistadores, deram uma ajudinha aos portugueses que eram poucas cabeças e só o dobro em braços, sendo a chusma de mouros bem maior e entrincheirados, pois é bom treinar e furar umas barrigas antes do recontro maior que os estava esperando, sempre esperando estes uma glória eterna pelo suor e sangue derramado ganhando assim um lugar no cantinho do céu reservado aos cruzados, para mais desentorpecer os músculos depois de viagem longa de barco onde não havia botequins com cerveja à venda. Caindo de barriga e face no chão foi com impotência que Martim Moniz viu que outros e muitos passaram sobre ele e conquistaram o reduto, pois na altura toda a violência se justificava, com urros e blasfêmias, os encontrões e os gritos de apoio, Santiago, por Santiago, vamos a eles e vamos com tudo e era o puxar e safanões sem parar, cortar de cima abaixo que os turbantes não são sólidos contra o gume da espada, que de branco como por magia viravam vermelho sangue, quanta canseira e suor debaixo das cotas de malha metálica, os que as tinham e, no entanto passados séculos eles aí estão nessa mesma praça e ruas em redor aos pés dos castelo então conquistado, pois são eles que maioritariamente e por ironia do destino ocupam essa Praça de Martim Moniz, eles que professam a fé no Islamismo e, do na altura entalado só ficou o nome e a memória. Mas havendo sempre más línguas e bota abaixo disseram alguns ter ouvido o mesmo Martim gritar no meio da peleja, “Quem foi o sacana que me empurrou,” mas no meio de tanta confusão e não sabendo os da Bretanha a nossa língua pátria, que confusa era até para os de cá, não o perceberam e acudiram, também os companheiros de armas do Moniz se o ouvirem fizeram das orelhas moucas, que o que interessava era entrar e seguir em frente cortando umas cabeças infiéis pois quem não é fiel a Roma tem que ser esquartejado, e porque o mesmo estando já rouco de tanto gritar se finou ali mesmo de tanta pisadela não tendo podido dizer mais nada, o dito foi de momento esquecido, pois em vez de esquecido da história gloriosa mais vale ser herói tardiamente, com direito a praça larga aos pés do conquistado castelo mas, voltando ao José e à carta que recebeu com convite de presença uma honra nunca deixa de o ser quando merecida e portanto não havia que rejeitar, era fazer a mala e ir de viagem para as terras do Norte, que um homem não é de ferro, sempre foram muitos anos de pesquisa, muita tinta evaporada e muitas folhas de papel gastas e corrigidas, trabalho difícil a compor

as histórias a alterar os seus dizeres as suas falas e tudo o mais para que a obra saia limpa e acabada. Ganhou o Nobel por obra maior e seu conjunto, por ser fiel ao seu pensamento e o expressar e, como todos os que ganham alguma coisa têm a inveja dos demais e não agradando a muita gente não foi isento de críticas, exilou-se por vontade própria e hoje tem Fundação póstuma que o perpetua em casa de bicos, coisa bem certa por ter sido ele um bico-de-obra para a sociedade que o criticava. E, um dia, sem surpresa, lá vimos na televisão o José Seráfago, aperaltado e digno, mais direito que o costume, talvez uma dica da Pilar para se manter bem erecto para não fazer feio diante dos outros, de camisa branca com laço creme com calça e casaca preta como convém em ocasiões solenes, que esta era de sobejo, com cabeças coroadas e tudo, membros do parlamento e outros convidados para dar distinção à cerimónia, que distinta era, não podia ele ir de capote alentejano como talvez gostasse pois por aqueles lados o frio não é para brincadeiras, e sem cerimónia recebeu ele a medalha de ouro com a esfinge do homem que inventou o explosivo chamado de dinamite, que depois disso alguns achando que a vida humana é sossegada demais ao longo do tempo o foram aproveitando para destruir tantas partes do mundo quanto os deixavam, a faixa a tiracolo e outro prémio que era um cheque bem chorudo que sempre fazia jeito à vida, mesmo que não precisando, e sempre era melhor que receber do editor os merecidos direitos de autor que vinham às pinguinhas. Se até aí os seus livros já se vendiam muito bem, a fama quando vem dá sempre em fartura, podendo ser para o bem ou para o mal, logo se notou uma procura desusada, sem paragem, os editores não tinham mãos a medir, faziam-se reedições de obras anteriores, editava-se de novo e porventura as fábricas de papel nacionais devem ter aumentado a produção com operários em horário extra de trabalho e não chegando manda-se vir do estrangeiro que já é costume antigo e dá menos canseira, se lhes ficar devendo amanhã se verá, pois todo o povo queria ler o nosso Nobel e ninguém queria ficar de fora do assunto de acontecimento nacional pois se lhe perguntassem;- Já leste o Memorial do Convento e não o tendo feito até então o que responder, dizendo que não e passando por inculto ou dizer sim mentindo a primeira vez e dizendo logo de seguida gostei muito repetindo a mentira que à primeira correspondia, duas mentiras não devem ser pecado maior se dizem respeito ao mesmo assunto e ditas com tão pequeno intervalo levando-nos a outro item que é o da medição dos pecados; quais os grandes e os pequenos e onde se situam os intermédios, como se vão eles reparar quantas Avé-Marias temos de citar e se estas por singelas não chegarem para apagar a afronta de enganar quem nos questionou da leitura e mais profundamente a doutrina que a proíbe, que outras orações e penitências teremos de fazer para que nos seja dado o perdão. E quem fará essa e outras medições de graves a gravíssimas se os que por cá se denominam os agentes de Deus, se são homens como nós de carne e osso e com defeitos, de que tamanho é o seu ajuizar na vida dos outros, que hão-de eles querer saber na confissão o que nós fizemos se o que se passou nós próprios já o sabemos e nos podemos perdoar não tornando a cometer tal afronta, se porventura ela o for desse modo e tenha

em nós havido sentimento de culpa, pois que não o havendo não será lícito que se lhe dê o nome de pecado que afrontasse a Deus. E, se falamos de Deus, que existe um ser supremo a que grande parte da humanidade o chama por esse nome ou por outros a que ele revertem, creio não haver contestação e a questão de denominação não será o mais importante pois cada um chama pelo que mais lhe interessa ou lhe ensinaram. Só não sabemos como é esse Deus, o que parece, como é realmente e como com ele nos identificamos por mais representações corpóreas que dele façam. Somos seres diminutos e o nosso entendimento é limitado ao que nos rodeia e não ao sobrenatural. Só nos resta uma opção olhando-nos a nós próprios, para dentro do nosso interior e descobrir o que de melhor temos fazendo do nosso dia a dia um acto criativo.

A vida ia correndo bem a José, homem pensador e modos suaves que sem pressas ia matutando em novas histórias, romances e ficção que não deixam de ser o espelho da vida, pois aos poucos tudo se vai repetindo através dos tempos mas, embora a fama chegasse tardia, a responsabilidade era em tempo presente e como quem constrói um castelo também foi crescendo, o tempo escasseando para as escritas que lhe dominavam os dias para colocar no papel as ideias novas que cada vez lhe chegavam mais frescas e que ia fermentando em noites de insónia, se por acaso as tinha, e as tendo se a Pilar as não tomava como suas roubando-lhe esse precioso tempo de concentração espremendo o seu deambular pela fantasia se não lhe espremesse entretanto outras coisas mais carnudas em horas tardias e calmas, enfim, é difícil ter dois gostos ao mesmo tempo, só a alguns privilegiados é dado o dom de fazerem duas ou mais coisas no mesmo instante e não sendo totalmente aptos alguma deixa de ser tão perfeita como a outra portanto o melhor e por segurança é preferível fazer uma de cada vez que de pressas ele não parecia gostar e também por sensatez que a vida nos vai ensinando que olhar para dois lados aos mesmo tempo pode deixar uma pessoa vesga de visão. Por outro lado, na vida há sempre a outra face da moeda, aquele de que menos gostamos ou que nos forçam a submeter, por razões de vida quotidiana ou alheias, neste caso os da editora que o pressionava, pois aproveitar a onda era imperioso, e então choviam os convites de dentro e do estrangeiro, ele que já antes se tinha esfalfado nessa mesma tarefa fortalecendo com a sua presença em colóquios e reuniões, em jantares, almoços, e momentos de chá das cinco a imagem de escritor com obra acabada e pronta a ser premiada, e dizia ele para a sua Pilar que o ouvia atentamente como sempre;

- Nem te passa pela cabeça aquilo que eu tenho de aguentar em certos momentos nos quais o que mais queria era a minha dose de paz de espírito que me é prazenteira e sempre cultivei, pois poucas coisas são tão aborrecidas de recordar, pela repetição constante das frases, dos assuntos, do sorrir sem ter vontade, de dar a entender que percebo quando me questionam sem o perceber, de ficar incrédulo pelas idiotices com que me interpelam ficando sem jeito permanecendo nessa dúvida em mim se devo responder torto ou ser diplomata, quiçá irradiando simpatia, ou voltando a cara para outro lado, respondendo a outro e omitindo o primeiro inquisidor que o segundo e terceiros em

questões não são melhores e me tiram o senso, me fazem um desusado calor no corpo não do ambiente mas das mentes obtusas que pensam tirar de mim algum pequeno erro ou infração do meu escrito, percalço de quem tem tudo a perder e nada a ganhar se não se souber comportar e deixar toldar a cabeça mandando tudo às favas mas, o que mais me cansa são as apresentações de um novo livro saído da prensa, a explicação da obra que explicada no livro está, que se vai vendendo e que eu tenho de assinar e fazer dedicatória, Por favor para a Josefa que ela o admira muito, para o Diamantino seu fiel leitor, para a Antónia com muito apreço, para o Américo com amizade, tu não sabes o tempo que tenho de descansar depois, derreado, para arranjar forças para continuar a seguir a um breve intervalo para engolir uma xícara de café para arrebitar e permanecer mais um tempo, e os meus dedos e o meu pulso doridos que me obrigaram a ir comprar um canudo elástico que me aperta os ossos do antebraço de maneira a que a minha assinatura vá continuando saindo como minha e não se pareça com a de outrem pela canseira e incerteza do movimento mas, pior, muito pior são as semanas da Feira do Livro em Lisboa no Parque Eduardo VII e outras por todo este pequeno país que a mim me parece tão grande de maçadas, e logo escolhem o pino do Verão, calor a derreter as boas vontades, do início o suadouro à parca sombra de um quiosque de venda e as perguntas parvas que me fazem, os ditos infantis que me lançam do tipo, Ah! A Blimunda é a minha heroína, que rapariga, como é que a descobriu? De verdade que ela deitou os olhos no Baltasar e enquanto a mãe ia acorrentada para Angola já ela estava, embora virgem, a cavalgar no Sete Sóis, que à falta de uma guerra melhor aproveitou aquela que lhe foi cair no regaço com celeridade e sem custos, ou outra que me perguntou, porque perguntar não ofende, se não tinha eu exagerado na rapidez com que a tal Blimunda pegou na mão do Baltasar e tendo ele dificuldade como se sabe de ter só uma mão, lhe tirou toda a roupa do corpo se serviu dele como do pão da manhã, servindo-se a ela também. Então Sr. Saramago naquele tempo já era assim, tão rápido como nos dias de hoje, deita o olho e já está fispado, toma lá que amanhã se pode fazer tarde, e eu lá vou dizendo que é tudo ficção, que podia ser verdade mas que dentro da ficção cabe tudo, o bom e o mau o puro e o impuro o próprio e o menos próprio e em surdina dizer para os meus botões o que estou eu aqui a fazer, quem me meteu nesta de ser famoso e porque será que esta não me desampara a loja, será que não tem calor como eu, mas não vem melhor de seguida pois com o andar do dia o caminhar e declinar do sol até chegar o crepúsculo cada vez são mais insensíveis, como as moscas que nos picam com a proximidade da noite, petulantes e descarados nas suas perguntas e afirmações. De outra vez acerca-se de mim um sujeito para lhe autografar o livro comprado no momento e pede-me; Sr. Saramago pode dedicar, aí na primeira página livre, à minha Luisinha, é para lhe oferecer e o que ela se vai rir com as peripécias daquele padre, o Bartolomeu, diga-me a verdade, o tipo era chulado de todo e não batia bem dos carretos, não era? Respondo com calma,- Sabe ele era um sonhador e acreditava, era um crente mas não na fé católica mas na ciência e nas suas convicções. Os sonhos são o espelhar da vida e por vezes

da realidade que também por vezes não se vê, mas se sente. Retorna o tipo, Mas ele pensava mesmo que aquela galinhola mostra, com peso enorme em madeira e ferro e mesmo com velas algum dia ia levantar voo? Resposta minha para o acalmar e fazer entender, todos temos que saber transformar o que nos motiva em algo que possa acontecer por muito estranho que pareça, mas ele respondeu-me, Ná, eu nessa não acredito, mas vou levar o livro para ver a minha Luisinha contente, ela vai adorar aquele lunático porque ela também é um pouco louca, e com isto virou costas e foi embora. É como te digo Pilar, as pessoas não querem compreender que todo o sonho se pode tornar realidade, só lhes interessa o mexerico e pouco mais. Numa tarde mais amena de calor veio direita a mim uma senhora com ar simples e piedoso, notava-se no seu semblante o seu recato, mas a severidade não deixava de estar presente no que eu percebi ela me iria dizer. Não trazia livro meu recém comprado para que eu fizesse dedicatória e logo depreendi que de mim não devia gostar, e com uma Bíblia na mão falou assim, Posso fazer-lhe uma pergunta? Creio que sim, estou aqui para isso mesmo, Então porque nos seus livros diz mal de Deus? Respondi, que não faço tal coisa só não acredito na sua existência, disse ela, Para acreditar é preciso ter fé, Concordo, mas eu não a tenho e a senhora tem? Tenho sim, sou muito crente na palavra do Senhor e no que ele nos ensina através dos seus ministros. Concordo com tal aceitação da sua fé e por isso talvez devesse ter para comigo a mesma reciprocidade, Mas o senhor Saramago diz tão mal da Igreja que a mim e a muitos outros nos aflige, Isso é verdade, não o nego, eu acuso todos aqueles que se escudam e escondem as suas acções ao abrigo da mesma, permitindo-se todas as tropelias, mentiras e intenções e, que para tal, como os políticos, têm um palanque a que chamam púlpito para as lançar aos crédulos que os vão ouvir, se quiser posso começar a dizer-lhe já algumas, mas não cheguei a dizer pois ela virou costas depois de dizer a sua última fala, que eu ouvi; herege, ateu e comunista. Olha Pilar podes acreditar que nunca me dirigiram de uma só vez tantos nomes, é o que chama de 3 em 1, e creio que a moda vai pegar, só não sei é para o quê. Fiquei a pensar de seguida no rol que lhe diria se ela o tivesse querido ouvir, pois exemplos não faltam, em todos os séculos passados e os mais próximos, desde pornografia infantil a filhos ilegítimos, contrariando assim o princípio do celibato e, lembrei com um sorriso a situação e o caso do padre Francisco da Costa, que foi prior da Vila de Trancoso no ano distante de 1487 que recebeu o cognome de o padre povoador. Não se sabe se foi o Bandarra, de seu nome completo Gonçalo Annes Bandarra, poeta, sapateiro e profeta também oriundo daquela região que vaticinou e o contou para os demais com extensão para os vindouros, no entanto o caso passa por verídico por ter havido condenação de lei, está nos documentos da Torre do Tombo, dos muitos actos daquele padre. Assim, se conta que este homem, que além de prior não deixava de ser homem com libido forte e quenturas imensas em seu instrumento viril, foi ao longo dos anos fazendo filhos a todas as paroquianas que por ele passavam, moças e menos tenras quiçá sabendo ele os seus segredos no acto da confissão, em sobrinhas, afilhadas e comadres, amas e tias e ainda a duas escravas do Presbitério no total de 299

filhos em 53 destas mulheres, tendo sido condenado, como se disse e consta, ao degredo das suas ordens e de seguida a ser esquartejado em quatro, que era ao jeito e mister naquele tempo, coisa simples e aseada para povéu ver, pois distrações não tinha muitas por este país de vida difícil, tendo ele já 62 anos de vida farta e cremos que feliz, consolado nos seus sentidos e domínio local que era seu, mas, como tudo o que é bom um dia pode acabar, estava a condenação para ser executada. No entanto, como por vezes a sorte é como os carteiros, bate sempre mais que uma vez, tendo sabido do caso, pois era difícil não o saber de tão enorme, mais tarde El-Rei D. João II o perdoou, já pela idade avançada do mesmo e porque sendo aquela área da Beira Alta tão desabitada de gentes, achou por bem o Rei que o prior tinha por seu benefício a sua contribuição para o povoamento daquela zona de que o reino tão precisado estava e, assim Portugal se foi fazendo maior. Portanto tenhamos por certo que, por vezes, bastantes neste caso, quebrar os votos celibatários pode ser o engrandecimento de um reino. Descansou o prior de ter morte horrorosa, recolhendo-se para uma aposentação dos seus afazeres sacerdotais, que talvez não os da carne pois a mosca quando vai ao mel não mais se esquece de quão doce é, suspirou o bispo rezando pelo benefício não esperado e benzeu-se o cardeal, que trapalhadas com seus ministros já ele tinha muitas e vergonhosas não estando precisado de mais uma. D. João II, de cognome o Príncipe Perfeito, desta vez não o foi assim pela sua acção de perdoar por sua real vontade, pois desrespeitando a sentença aplicada fez injustiça a outrem pois não teve em conta todos os maridos que ficaram cornudos, todos os filhos dos que casados foram recentemente e toda a ninhada de filhos ilegítimos que daí resultou não sendo deles. Deve ter sido uma real confusão durante uns tempos e por aquela região, mas não havendo registos de quanto tempo terá perdurado, ficamos por aqui e seguimos com as conjecturas. Não nos admiremos se na semana a seguir à comutação da pena e previsível morte do prior Francisco da Costa, os mosteiros e seminários, estes se os havia de tal sorte, tivessem um incremento desusado de ingressos, pois se era para bem do reino aí estavam eles para seguir o exemplo, mancebos que nem de pílula azul precisavam, o Viagra, se porventura já existisse ou outra mezinha afrodisíaca, pois o seu mentor de nada disso necessitou para todas aquelas gravidezes. Continuando a sessão de autógrafos e dedicatórias, ainda de uma outra vez que de mim se abeirou um tipo e me disse que se o Sete Sóis teve sorte e lhe calhou uma espertalhona daquelas logo na primeira ronda, depois do livro por mim autografado, ia sentar-se num banco de jardim ao cimo do Parque e disse de seu propósito, Está a ver Sr. Saramago até trago um bonito cãozinho pela trela, que vai dando ao rabo quando vê outro da mesma espécie e quatro patas, e que no final da correia traz uma dona que diz, Mas que lindo rafeiro que aqui está e que focinho mais bonito, O seu também é muito atractivo, lindo e muito bem tratado, tem nome? Claro, este e outros que lá tenho em casa, São bonitos também? Ah! Sim, só vendo, Gostava de ver, Então venha daí e, dito isto não é necessário dizer mais nada, Está a compreender Sr. Saramago, é simples e depois é só saltar para a cueca que era o que ela queria, se não para quê tanta conversa e treta de

animal, sempre a falar do mesmo; dou-lhe a melhor ração, a mais cara, por causa do pelo não cair e ficar lúcido e nunca deixo de ir todos os meses com eles ao veterinário, pois então, e assim se repete a façanha da dupla Baltasar e Blimunda. Arranje um cão e vai ver que está tudo muito mais facilitado e logo você com essa fama tamanha, aproveite que a vida não dura sempre, compre um cãozinho, não esqueça, e lá foi ele embora puxando o rafeiro, contente como se fosse para um derby de futebol, deixando-me de boca aberta apanhando mosca que, com aquele braseiro de tempo as há em grande quantidade, e todas estas palermices eu oiço e torno a ouvir debaixo daquela torreira de sol, qual Tarrafal segundo dizem os companheiros que por lá passaram, de calor imenso que me deixa letárgico e como manteiga derretida. Diz a Pilar, Tens que fazer das tripas coração que eu não posso só comer cõe de pão duro como a tua Blimunda, não nasci para isso e vai-te acostumando agora ao calor de Lisboa que daqui a algum tempo vamos para as Canárias e lá também aperta o tempo quente, e Serámago, que não é homem de discutir pensou para consigo, nem sempre se pode ter tudo o que se quer, lá estala o calor que me desidrata mas nada que uma sombra ou ar condicionado e uma limonada não consiga remediar e ao menos livro-me deste inferno das apresentações e dos idiotas que por cá andam no continente torrando a consciência e paciência dos demais. As malas ficaram prontas e lá seguiram para o destino de Lanzarote, e a sua vida foi seguindo harmoniosa como música celestial, que música parece simples por só ter sete notas, mas não é tão fácil assim sendo preciso colocar os sons que ao ouvido agrada, e não tem fim o que se pode fazer com elas, pois desde o princípio dos tempos se compõem toda a variedade de melodias e assim há-de continuar enquanto houver homens nesta terra, mesmo os surdos como o Van Beethoven, com instrumentos que são vários e diferentes e que, respondendo uns aos outros, como que conversando, vão compondo o seu todo em sinfonia. Também nas letras com que se narram episódios e histórias e fantasias a diversidade não é muita, não vai além do alfabeto ou caracteres diversos consoante o idioma e coisas lindas e boas se fazem e tantas que nunca mais se acabam, todos escrevem e a oferta é tamanha que chega a entediar quem percorre uma feira em que livros são às toneladas e autores mais que muitos. É preciso ter talento para ajeitar uma história ou muitas e por isso se designa todos os anos um premiado na Literatura. Assim, se o nosso Nobel deu alcunha de Sete-Sóis a Baltasar e Sete-Luas a Blimunda, creio poder dizer que ele, José poderá ser muito bem o Sete-Letras. Quase todos concordam que Serámago é um homem de uma imaginação intensa e imensa, complexa, mas muito bem estruturada, que nos vai levando devagar e com subtileza a ficarmos cientes da sua mordacidade crítica, da parecendo ou não velada acusação dos exageros da Igreja e dos seus agentes, monges ou padres, que emana de quase toda a sua obra. Não chega a ser tão acutilante, directo e agressivo como Eça de Queirós, este a que só lhe faltava o cacete em vez da palavra para os desancar das suas acções, é outro estilo de narração, mas convergem os dois para o mesmo fim de ataque ao que está torto na sociedade, da ostentação à desigualdade, riqueza e pobreza que se afastam como azeite e vinagre e parece não ter

mais cura por muitos anos que se passem. Não é irresponsavelmente que ele afirma tudo o que os frades faziam e que era completamente contrário aos fundamentos das suas ordens e regras monásticas; Crandade e caridade não existiam, para salvar a alma, diziam e em passo seguinte o faziam, açoitava-se o corpo e era tão fácil de fazer quando não tinha que ser o seu coiro a sofrer os tormentos da gaiola de ferro acanhada com forja por baixo, do esticar de membros com corda puxada por rodízios, das celas fechadas e infectas durante anos com fome de sobejo, do sexo gratuito e desgarrado as vezes que queriam e quando lhes apetecia pois não temiam a justiça, se a justiça eram eles que a faziam, esta deturpada nas suas consciências, essas sim verdadeiramente pecadoras. Tudo o que é sigiloso, secreto e dentro de quatro muros altos com portas reforçadas e janelas de ferro gradeado é de quem alguma coisa esconde, pois não há juízo e julgamento para saber se é humano ou desumano o tratamento de quem o recebe. Porque se é secreto e não à vista por princípio não pode ser bom, se não porque precisariam de o silenciar e omitir. A Igreja no seu todo, o clero e seus servidores ao longo do tempo serviram-se da fé para todo o tipo de vingança e desgraça nos que não alinhavam pela sua doutrina. E isto serve para todos os tipos e qualidade de religião. A acreditar na Bíblia, que foi escrita por homens, copiada centena ou milhares de vezes por outros, com erros e deturpações de toda a ordem, interesses vários ao alcance de quem detinha mais poder, intencional ou não veio a sair um texto quase incompreensível, os doutores da Igreja dizem que sabem o seu significado quando a confusão é muita para a cabeça dos leigos, com contradições a cada passo e passagens que pairam no ar como perguntas e sem resposta e quando ela existe não satisfaz os mais atentos. Mas fala em morte e castigos vários, de pai para filho e de filho para pai, de irmão para irmão, de vingança, olho por olho, inferno em fogo de chamas eternas quando se não sabe o que é uma eternidade de tal modo que a nossa mente não consegue abarcar a miríade de galáxias que dizem existir no espaço dito celeste, talvez por isso, se pensarmos bem, quase todas as guerras começaram por antagonismos de credos com resultados devastadores. Bem afirmou Jean-Christophe Rufin que as guerras de religião são sempre providenciais para os criminosos. A violência torna-se subitamente sagrada, desde que saibam mimar a devoção, pelo menos em palavras, aparece sempre um Deus que lhes permite realizar as infâmias com que durante tanto tempo sonharam. Faz-se uma cruzada das antigas para se impor a crença na religião dita verdadeira, e porque não serão as outras tão verdadeiras se também tiveram os seus ancestrais princípios, convertem-se os índios à força, as tribos e quantos mais impondo pelas armas, em nome de Deus, sempre em nome de Deus, seja ele qual for, descarregam Nele toda a responsabilidade da loucura e maldade humana, quando por vezes, talvez sempre, o que está subjacente são as riquezas, o ouro e os diamantes ou mais recentemente o crude e outras matérias-primas. A história, e não só a antiga, mas a moderna e recente está cheia de esbirros e algozes que não mais fizeram do que copiar O Santo Ofício, que de santo nada tinha, portanto retomando, se o inferno existe muitos dos que nos séculos passados condenaram e fizeram estorricar



na fogueira, churrasco humano outros coitados que tiveram a pouca sorte de viver nesse tempo e lugar, também eles estão a arder nas labaredas que então atearam e ficarão lá para sempre. É possível? É difícil dizer pois ninguém voltou de lá para contar seja o que for, chamuscado ou não, portanto é preciso ter realmente muita imaginação o que nos leva a pensar que a ficção por vezes é tão somente o espelho do que aconteceu, pode acontecer agora e mais para a frente no tempo. Por falar em termos temporais leva-nos o autor galardoado ao reinado de D. João V de cognome O Magnânimo, que fez ou melhor mandou fazer obras grandes com as riquezas do Brasil e a sua mais espectacular foi o convento de Mafra, obra faraónica que se atentarmos bem se não compreende coisa tão grande em país tão pequeno para pôr lá umas poucas dezenas de frades arrábidos, que convento tinham já e que era para os lados de Setúbal embora sendo pequeno, não em tamanho, mas para as suas ambições. A história parece estar contada ao contrário pois como é sabido pelas notícias de época o princípio dos que pertenciam a essas congregações era para além do recolhimento a sua simplicidade e pobreza, e logo levam um convento novo em folha com 1.300 dependências, fora jardins e claustros, uma ostentação desmedida com tantas portas e janelas que eles não conseguiam fechar num dia, para ganhar mofo e ratazanas que as devia haver e muitas, e fazer inveja, ora toma lá que esta não esperavam vocês, a outras suas iguais Ordens em credo mas com menos portas e janelas, sem conjunto sineiro de peso bruto e sons repicados dos seus carrilhões que se ouviam por léguas e léguas, sem órgãos imponentes e aos pares e sem basílica enorme e alta que ia ficar por muito tempo sem encher de povolú e portanto cheia de vento, daí talvez também o nome de com vento para mais que foi implantada no Alto da Vela no lugar que era Mafra e continua a ser. O convento, pesado e grande ficou, com o sacrifício de milhares de sem nome e glória de outros que a história contempla. O ouro e os diamantes foram-se como vento e não voltaram e o povo disse, vão-se os anéis e ficam os dedos, mas muitos e muitos perderam mais que isso, perderam vidas, pais e filhos de que a história não reza pois esta não é elástica, não pode conter tudo, uns são anónimos e os outros virtuosos. Segundo rezam as crónicas do tempo, de nosso só foi o contributo das pedras para além do suor, este muito, pois tudo o mais foi importado e pago em ouro sonante ou diamantes, isto porque ainda não havia a cripto moeda Bitcoin e D. João V não escondia riqueza em paraísos fiscais, não deles precisando pois já tinha mais que um, o Brasil e outros bem conhecidos de sempre. O projecto foi de um arquitecto alemão de seu nome Ludwig, que o imaginou e o fez erguer. Como se disse e consta tudo veio de fora de tal maneira que, pegando na palavra do imaginário que o José faz da famosa passarola com cabeça de gaivota sonhada pelo padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, este que errou plenamente na sua vocação de sacerdote, lunático, indeciso e temeroso do Santo Ofício, ele lá sabia o que aquilo era por dentro, e construída por Baltasar e Blimunda que, se por ventura fosse lícito e não contrário ao estabelecido, raiando e cheirando a feitiçaria, bem que se poderia ter usado os ímanes e as bolas com o âmbar e os frascos cheios de vontades, apanhadas por ali durante meses

e ainda mais as velas, fazer levitar a uma altura apropriada o casarão imenso, que então seria todo construído na Alemanha, e transportar o dito de mansinho por cima de outros países, a uma distância razoável fora de alcance de tiro de canhão pois nunca se sabe se quem o vê gosta de fazer tiro em alvo, Olha ali os altos montes da Suíça tão inclinados, talvez as vacas não rebolem em trambolhão para os vales, e a Itália à esquerda de perna longa, e agora em frente esta que é grande e é a França, toda verdinha e mais adiante a Espanha de estremadura sequíssima a fazer pirraça ao nosso alentejo e, que chegando a Portugal, depois de passar a raia entre Badajoz e Elvas, seguisse em direcção ao mar atravessando o Tejo e mostrando-se bem desse uma volta, como uma faena de toureiro em praça de toureio, por cima do Paço para rei e rainha o admirarem e o povo embasbacado aclamar coisa nunca vista e tamanho desconcertante para a época e daí encaminha-lo para o destino final em Mafra, descendo devagarinho e bem certo em cima das fundações, estas sim feitas por nós lusos e só por nós, pois não seria muito acertado trazerem-nas também da Alemanha, pousando-o de onde nem o maior ciclone o poderia jamais levantar, pois é obra maciça e pesada e todos sabem que os alemães constroem assim e bem. Depois, em inauguração, com pompa e circunstância, de estalo pois então, nunca se vira coisa igual e que custou caro, se assim tivesse acontecido, teria então talvez nascido nesse momento o concelebrar ; encomendado, feito, pago e entrega com chave na mão, como se faz hoje com um vulgar empreendimento que se ajusta com antecipação, de chave não mas de chaves, aos montões e grandes, que só em fechaduras foi um ror de dinheiro pois portas são mais que muitas quase tantas como janelas. Quando do lançamento e benzedura da pedra primeira do que haveria de ser o monumento badalaram os sinos de todas as igrejas em redor enquanto os que lhe são prometidos, de bom bronze, ainda estão a fundir em país longe e estrangeiro e, portanto, ainda não badalam, muito menos tocam qualquer som. Um dia tocarão para encher os ouvidos de quem os queira ouvir mas, para tanto, há que encomendar também o tocador que os há-de repicar. Trabalha-se em tempo de marcha que o rei tem pressa. Nunca ele pensou, mas assim o informaram, que iria demorar tanto tempo em construção, quando o dele se vai escoando, que as pedras fossem tão grandes e pesadas. Trabalhadores braçais são agora aos milhares na edificação, uns vão morrendo de doença ou quedas, pois isto realmente não é obra de uma semana ou duas, vão-se buscar outros à força e são vigiados para não largarem o trabalho que é muito e custoso, quase tantos guardas como trabalhadores, assim, como no exército, tantos militares, tantos oficiais e tantos generais, de acordo com contingentes fixados mas, que conste, nunca se viu monge carregando pedra, saca de caliça ou tijolo burro, esses ficam com as mãos sem calos e os hábitos livres de poeiras e rogam aos céus que os mantenham assim, cantando preces em latim que só eles sabem, mantendo o enigma da liturgia longe do saber e compreensão do povo, este analfabeto como convém. Em data inaugural e aprazada a coincidir com o seu aniversário deve ter pensado D. João V que foi bem enganado por aquele frade arrábido, franciscano velho espertalhão e olho vivo, com promessas de prenhez certa de sua mulher

a rainha em troca de convento luxuoso, qual resort dos nossos dias, pois tal obra deixou-lhe os cofres quase vazios; Mas como é que eu fui nisto, pensou aquela real cabeça debaixo de cabeleira vistosa com caracóis e ondulações até às reais costas, mas adiante que do Brasil vem mais riqueza e tal escorrimento que era contínuo e às toneladas só parou quando se ouviu por lá o grito do Ipiranga, nesse dia de 7 de Setembro de 1822, dia de má sorte para os de cá, e desde então a riqueza que era daqueles lados, cheirando a suor de escravo negro das terras longínquas e costas de África, deixou de vir e por lá ficou deixando saudades tantas e douradas que o apreciado conceito saudoso, que é a saudade, é nosso, só nosso e para sempre, não se traduzindo à letra em outros idiomas que os outros estrangeiros não quiseram saber como a partir daí ficamos pobres e, à falta de melhor e com lamentos choramingosos o incorporamos mais tarde no fado marialva e boémio e que depois o povo adoptou com facilidade pois a vida para estes já o era e nunca mais deixou de o ser. Fado que quando ouvido deixa lágrima ao canto do olho e entristece pois, pudera, que perder riqueza nunca deu vontade de rir a ninguém. Mas isso estava longe ainda, quase cem anos mais tarde, entretanto era folgar a corte que alguma riqueza ainda havia, e o povo não precisava desses gozos e mordomias pois estava acostumado já a passar mal e mudar-lhes a vida para melhor só lhes ia fazer confusão em suas cabeças. Deixemos assim, que em tocar e alterar certos assuntos e hábitos e costumes pode dar sempre mau resultado, portanto cautela e siga a procissão do forrobodó. D. João V depois de fazer filhos a sua mulher D. Maria Ana, os legítimos, assegurando assim a sucessão passou aos ilegítimos que segundo consta foram incontáveis pois não foi tirado registo, aliás costume de sempre da realeza, mal seria andar escrivão atrás do monarca por bordéis e conventos de freiras em altas horas da noite a cheirar e deitar olho tomando notas em seu assento volumoso de boa caligrafia em papel timbrado da corte, da boa ou má sorte do rei consoante o dia ou a noite; depois dizendo ele de sua justiça, hoje foi bom, gozei que me fartei, mas a de ontem tinha os dentes podres e não satisfez, portanto risca do assentamento que essa nunca mais a quero ver e por aí adiante que havia sempre mais campo para meter a enxada de cabo rijo no desbravar de mulheres várias e, se assim era com El-Rei o mesmo se passava com o comum dos homens que não sendo senhores de reinos eram pelo menos senhores do seu corpo e do que têm de seu, viril e pouco mais, pelo menos enquanto não caírem em desgraça, o que acontece quando se é menos avisado e esperto do que se passa à sua volta, portanto também eles se serviam de mulheres da chamada má vida, prostitutas, as primeiras trabalhadoras do mundo com profissão definida, sem remuneração e horário fixo e sem sindicatos que os não havia, umas por gozo outras que por necessidade a isso as obrigava. Segundo consta seriam muitas pois o tempo era de escassez para a maioria dos reinados e passar fome nunca agradou a ninguém, cada um faz como pode, se pode, e o resto vem por acrescento, as ligações ilícitas, os maridos de chavelhos grandes qual raça Mirandesa, as mulheres sérias enganadas, incluso as rainhas como já se viu e, como profissão tão numerosa e necessária chegou aos nossos tempos sem quebra de serviços quiçá só mais

sofisticados. Melhor será que os homens sem mulher fixa se abandonem aos prazeres dessa carne, de tempos em tempos, tendo dinheiro para isso, do que enraivecidos de humores sexuais venham a atacar e violar jovens e donzelas e estudantes em matas escuras cometendo crimes que destroem vidas e semeiam o pânico das que têm de andar sozinhas por lugares solitários ou desertos. Teve sorte El-Rei o V pois nesse tempo ainda não existiam paparazzi que lhe seguissem nos calcanhares dos sapatos de fivela e assim lhe roessem a paciência tendo-os à perna ou às pernas, que ele tinha duas portanto não era manco, a tempo inteiro. É de crer pelos relatos da época que El-Rei não funcionava bem da tripa, sofria de todo o sistema digestivo, porventura agravado por lautas refeições, e teria flatos com fartura e que não os dominava ou não queria, assim sendo e porque era rei não se coibia e ao modo de desculpa sorria ou ria alto e rindo todos os seus cortesãos, fidalgos, camareiros, pagens e criados o faziam por condescendência, pois rir quando rei ri é uma coisa e rir sem que o rei se proponha rir é outra que pode levar, dependendo do bom ou mau génio do monarca, à prisão, ao tronco, ao pelourinho ou ao cepo com espada pesada e bem afiada. Assim o melhor era sorrir quando o rei se peidava e deixar que o ar se refizesse através das frinchas das portas no caso de o vento anal não ter acontecido ao ar livre. Fica, no entanto, por saber, ninguém mesmo cronista escreveu sobre isso, se nas suas sortidas fora do sagrado casamento e quando na cama com uma dama de ocasião resfolegava por cima com o ardor do acto não o fazia também por baixo já que era tão relaxado de intestino. Mudando de assunto, a julgar pelo que nos conta Serámago, e nós acreditamos pois naquele tempo assim se passaria, tanto iam parar aos conventos gente vulgar e pobres que, pelo menos lá tinham o que comer, pouco seria mas sempre era, como filhas de nobreza que eram um estorvo para a família, cabia lá tudo, o que de certo não havia era vocação. Os conventos de freiras, em igual circunstância como os de monges ou frades eram às centenas pelo país fora, gente que nada produzia para além de calosidades em joelhos, também tinham muros altos e janelas gradeadas de ferro largo como pulsos não se tendo apurado até hoje se era para não entrarem os atrevidos pela calada da noite às ocultas da madre superiora ou se era para as noviças e freiras não saltarem para o lado de fora. Não havendo o impulso da vocação o recato deixava de existir, os nobres e pessoas endinheiradas a troca de moeda de oiro passavam um bom bocado em companhia de quem não desdenhava, pois era uma maneira de fugir à rotina das orações de todo o momento e ao longo do dia e ao levantar cedo para fazer nada e deitar a horas certas que para algumas o não eram. Quanto aos frades e confessores, como pobres que diziam ser, tinham borla por entendimento e do seu trabalho de acompanhamento; missas cantadas, confissões muitas e dos conselhos de faz como eu te digo não faças como eu faço. Assim não era de admirar que em vez de conventos estes mais se pareciam com maternidades que geravam bebés de pais incógnitos, talvez os doassem ou não mas em algum lado os teriam de colocar. Ficamos sem saber quantos anjos tiveram como destino os canteiros de cheirosas e bonitas rosas que existiam perto dos claustros.

Toda a vida tem um nascimento, toda a vida tem uma vivência, toda a vida tem uma morte, pois tudo tem princípio e tem fim. Quando começa tudo se aguarda, tudo segue em frente e caminha num sentido e se o caminho é curto ou muito longo só o acaso o sabe e, se este não o sabe é mesmo por acaso que o caminho vai sem sentido. Somos feitos de terra, desfazemo-nos como torrões debaixo de chuva grossa e teimosa e não vale a pena haver secagem fortuita das lágrimas do que perdemos ou dos que perdemos, pois, o que se foi não volta, jamais. Se há princípio e fim, o início com o primeiro choro do nascimento mercê da primeira palmada das muitas que levamos ao longo da nossa existência e, sendo a incerteza do fim parecida com uma nuvem negra que durante a vida nos segue constante, deixando de vez em quando cair um aguaceiro em modo de doença, seguem-se para muita gente os temores da vida quando devia ser da morte e, então em algo tem que se acreditar e neste crédito haverá que ter um fim e aparece a fé. Aceitamos que não estamos cá por acaso, que algo ou alguém de muito saber e onipotente nos criou, nos colocou neste mundo azul para vivermos a nossa vida breve, sem maçãs reluzentes e apetecíveis nem serpentes enroscadas em árvores, mas para melhorar-mos e passarmos a outro estágio do qual pouco sabemos e, a esse ser chamamos de Deus, uno e sem divisões, que essas fazem-nas o homem e mal e dão-lhes nomes, cristãos católicos, islamitas, coptas, ortodoxos, judeus, hindus, xintoístas e outros que veneram tantos, diferentes e variados deuses, sendo que no fim tudo é igual só que uns puxam por um lado da corda e outros pelo lado contrário. Também os há que tudo isto questionam e o seu Deus é a Natureza, o que nos rodeia, isto e aquilo, tu e eu e todos os outros, as árvores, as rochas, os rios e os vales, os montes e o mar, o ar e o alimento, tudo se compondo para que a vida tenha um prosseguimento com antevisão do final que, como sabemos é inevitável. Mas, para onde vão todas essas almas, se almas podemos chamar, esses espíritos, esses sopros de vida que se extinguem, todas essas aprendizagens que se acumularam ao longo da vida, Blimunda tentava ver e guardar e se conseguiu não soube o que guardou, pois uma mente e uma sabedoria não pode ser aprisionada em frascos ou bolas de vidro nem pode desaparecer embora se tenha desligado do corpo que entretanto a guardava e que depois morreu pois a carne é fraca e perecível. Assim, temos que nos questionar se essa vivência anterior, esses saberes que se foram conseguindo ao longo dos anos se perderam para sempre ou foram passados e incorporados noutros seres que entretanto viram a luz do dia aquando do seu nascimento. Como explicar que Amadeus Mozart aos cinco ou seis anos já compunha sinfonias, que Isaac Newton relacionou tanta coisa, que uma mente brilhante e ainda jovem deu pelo nome de Marie Curie, que um Einstein fez uma enorme equação e descoberta quando novo e que Stephen Hawking com o corpo estropeado tivesse uma mente tão lúcida, e tantos outros que a história antiga e moderna relatam, pois não passando a vida de uma repetição de actos e situações já acontecidos não admira que o nosso tempo seja muito em igual ao de outrora e também que as vidas vividas se renovem em novos seres transmitindo os seus segredos, sabedoria e habilidades. Se para muitos o seu crédito é que a ciência

explica muito para outros que não acreditam nela mas não sabem explicar e lhes chamam milagres, que abrange muito e não explica nada. A tudo isso ao longo dos tempos de escuridão e ignorância a igreja e seus seguidores deitaram mão, pois nada como o temor e terror do inferno e uma mão cheia de milagres para ter os seus cordeiros bem presos pela arreata, mantendo-os fiéis e não dispersos. E quando estes milagres faltavam logo iam congeminando em arranjar uns para servir a mentes mais obtusas e menos esclarecidas ou quando a fé começava a oscilar e desvanecer conforme os ventos da história iam passando. E, assim se foram acumulando montanhas de milagres, grosso volume, que foi diminuindo em sentido contrário em que o nível de educação aumentou e, também deixou de haver tantos santos, pois estes eram relativos a efeitos ditos milagrosos, pois já os tinham de sobejo, os santos e os milagres, tantos que nem número exagerado de calendários comportaria os seus nomes em dias que já são em duplicado ou mais. Assim sendo, deixaram-se disso por menos trabalho em canonizações e porque a incredulidade cada vez é mais na medida inversa do esclarecimento. A igreja no geral sempre foi comercial, agenda peditórios em igrejas e outros lugares, pelo menos não vende indulgências como antigamente, que caíam do céu como estrelas cadentes nos cofres das dioceses, descaramento total e fruto do tempo obscuro que felizmente já lá vai, é muito rica, tem Bancos duvidosos nas suas manobras financeiras, não aliena património antes acumula sumptuosidade e, perante a adversidade e catástrofes naturais que acontecem a todo o momento por esse mundo fora deixando famílias desgraçadas sem casa, com fome, com doenças inúmeras, não deita mão ao cofre das moedas de ouro para socorrer infelizes que tudo perderam mas é pródiga nos dizeres dos altares e das janelas do Vaticano, distribuindo preces e rezas e orações que não custam dinheiro, este com que se compra o pão, para amortecer a infelicidade dos deserdados pela sorte, não o conseguindo de todo.

Serámago a tudo isto se referia, em surdina, tentando abrir as mentes, considerar só como certo o dia que vamos vivendo. Serámago mais do um escritor era um leitor de consciências, um aturado pesquisador da nossa história que transformou em prosa muito rica e versátil e nos deixou uma obra que vai perdurar. Por isso, honra a José Saramago e aos 25 anos do seu reconhecimento mundial.

**Faustino Vital**



# Desfiando o fio da escrita

Nova Atena - Universidade Sénior de Linda-a-Velha  
Coordenações e design gráfico - Midá Sá-Chaves